

Nas repartições, a venda de roupas para completar salário

Vender roupas de sala em sala, através dos ministérios, é uma prática comum em Brasília. Embora proibida, é dessa forma que muitas funcionárias públicas complementam seus salários. Ao mesmo tempo em que as outras continuam a gastar os seus, apesar do congelamento da URP. Uma secretária do Ministério da Justiça complementa seu salário dessa forma. Ela recebe, por mês, Cz\$ 21 mil e, com a venda de roupas, consegue tirar outros Cz\$ 21 mil. "O problema é que o pessoal normalmente prefere comprar a prazo, em três vezes, e freqüentemente os pagamentos atrasam." Ela vende, sempre para secretárias, todo o tipo de roupa — para o trabalho ou para passeio —, com uma margem de lucro de 100%. "Mesmo assim vale a pena", disse uma compradora, justificando sua preferência pela facilidade da compra sem burocracia, com pagamento em três vezes e no próprio local de trabalho, sem que seja preciso um tempo para a procura em lojas. "Ainda não foi possível perceber uma redução nas compras", disse a vendedora, explicando que, no final do mês, "certamente, vai haver gente reclamando dos preços, que não estão congelados".

Como as secretárias de baixo poder aquisitivo, também as altas funcionárias da administração pública ainda não reduziram suas compras em decorrência do congelamento da URP. São elas as res-

ponsáveis por 80% do movimento da loja de Gregório Faganello em Brasília, por exemplo. Com confecção própria a loja trabalha somente com seda, linho, crepe e lã. Localizada no Park Shopping, a loja é uma das mais sofisticadas em matéria de roupas finas. Segundo a gerente, Maria dos Reis Pires Ma-ciel, que está há seis anos em Brasília, não houve, nos últimos dias, nenhuma reclamação contra os preços ou contra a redução dos salários do funcionalismo. "Nós acabamos na terça-feira uma promoção e houve uma funcionária do tribunal superior que fechou a loja e levou nossas últimas peças, gastando, ao todo, Cz\$ 280 mil, pagos à vista", contou.

A Gregório Faganello vende roupas finas, para recepções. "Ninguém faz aqui o guarda-roupa para trabalhar todos os dias", explicou Maria. Para o lançamento da coleção de inverno, esta semana, já tem clientes com horário marcado todos os dias. "Nós temos clientes fixos, que compram no lançamento da coleção e, depois, a cada mês, complementam seu guarda-roupa". A loja, que normalmente aceita cheques para compensação depois de 15 dias, no último mês, como estava em promoção, fez apenas vendas à vista. O gasto da funcionária do Tribunal parece muito pouco para a gerente, "porque há quem gaste Cz\$ 2 milhões em uma compra". (Brasília/Agência Estado)